

DISCUTINDO A RELAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DA LINGUAGEM DE ANGICAL DO PIAUÍ (PI).

Valdulce Ribeiro Cruz SOUSA

Universidade Federal do Piauí - UFPI
valdulce@colegiocerto.com.br

Resumo: O presente artigo objetiva analisar semanticamente sob a perspectiva da pragmática as variações linguísticas observadas durante os eventos comunicativos que ocorrem na comunidade de fala de Angical do Piauí (PI), a partir da noção sociovariacionista e sociointeracionista. A descrição e avaliação dessa fala são consideradas em relação à dinâmica presente no uso de vocábulos e expressões específicos daquela comunidade e utilizados no dia a dia, cujos processos semânticos são desvelados dada a sua intensidade quanto à interação social que promove, em razão de peculiaridades e até de identidade social e cultural dos falantes. Toma-se como fundamento teórico a diversidade linguística descrita por Costa (2000), as de cunho sociovariacionista (MOLLICA, 1992; TARALLO, 1999; LABOV, 1972), sociointeracionista de Bortoni-Ricardo (2005), Gumperz e Hymes (1972), Marcuschi (2007), e a semântica segundo Cançado (2005), dentre outros. A escolha do *corpus* se deu em função da importância do registro e divulgação dessas variações características da fala dessa comunidade, que se distinguem dos falares de outros grupos de municípios do Piauí. Os sujeitos deste *corpus* são falantes que representam variados modelos interativos. A metodologia adotada foi a de uma pesquisa etnográfica, segundo a tradição da perspectiva sociolinguística, conforme Gumperz e Hymes (1972).

Palavras-chave: Variação linguística; eventos de fala; semântica; pragmática; etnografia.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discutimos a variação/diversidade linguística, apontamos algumas práticas, destacando como acontecem os usos que os falantes fazem da língua em diferentes situações comunicativas na fala de um grupo de adultos de Angical do Piauí (PI). Para isso, analisamos alguns eventos de fala, como a feira no mercado, a missa, um aniversário e duas conversas informais. Nosso interesse concentra-se nas variações linguísticas dos sujeitos da pesquisa durante a interação social.

A partir desses contextos sociais em que focalizamos a fala, percebemos que os sentidos são construídos e reconstruídos, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos. Para tanto, tomamos como fundamento teórico a diversidade linguística descrita por Costa (2000), a de cunho sociovariacionista (MOLLICA, 1992; TARALLO, 1999; LABOV, 1972), sociointeracionista na perspectiva de Bortoni-Ricardo (2005), Gumperz e Hymes (1972), Marcuschi (2007), e a semântico-pragmático segundo Cançado (2005). Esperamos com esta pesquisa desvelar diferentes variantes linguísticas utilizadas por um grupo de falantes, descrevê-las a partir das teorias sociolinguísticas e semântico-pragmáticas, bem como evidenciar a realidade linguística no que concerne aos dados coletados.

Dentro dessa perspectiva, Costa (2000) enfatiza a questão da diversidade linguística no Brasil, lembrando que, apesar de a língua oficial ser única _a língua portuguesa _o país é multilíngue e multidialetal.

A diversidade linguística de uma comunidade, no processo interacional, abarca os mais diversos fenômenos sociais, e são nas relações sociais do cotidiano que estas variações se manifestam carregadas de significado social e expressam um intenso sentimento de identificação local.

A metodologia para a realização deste trabalho foi a de uma pesquisa etnográfica, segundo a tradição da perspectiva sociolinguística, conforme Gumperz e Hymes (1972), tendo como *corpus* um grupo de seis falantes adultos da cidade de Angical do Piauí (PI). Para este fim, a pesquisadora precisou atuar junto aos interactantes, ora como observadora, ora como

participante e, neste último caso, como estratégia para tentar reduzir a situação de automonitoramento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Variação/Diversidade Linguística

A sociolinguística estuda a língua, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Segundo Bright (1974), o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística como: dialetos, classe social, gênero, faixa etária, formalidade ou informalidade. E para estudar essa diversidade, a sociolinguística deve relacionar as variáveis linguísticas observáveis em uma comunidade de fala, que é um conjunto de pessoas que interage verbalmente e compartilha um conjunto de normas referentes aos usos linguísticos.

Para Mollica (1992), a variação linguística é um fenômeno universal e implica na ocorrência de formas linguísticas alternativas chamadas de variantes. Assim, podemos dizer que a língua por apresentar faces múltiplas e ser heterogênea, admite a existência de uma gama de variações que expressam o comportamento social e cultural do falante.

Costa (2000, p. 28) enfatiza a questão da diversidade linguística lembrando que: “Essas diferenças são, com certeza, internalizadas por falantes que aprendem não só como usá-las, mas também quando usá-las, com quem usá-las e para que usá-las”.

Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de uma variação ou outra é a situação concreta de comunicação e a possibilidade da língua expressar a variedade cultural existente em qualquer grupo. Assim, é indubitável que a variação é inerente à natureza da linguagem humana.

Na linha de pensamento de Labov (1972), as regras variáveis têm uma função comunicativa quer estilística, quer expressiva ou enfatizadora, e somente atribuímos valores sociais às regras linguísticas quando existe variação. Por isto, podemos constatar variações linguísticas resultantes de diferenças sociais ou apenas por razões de estilo do falante.

Conforme Martinet (1964, p.45):

“Uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica.”

Assim sendo, comunidades diversas vivenciam experiências diferentes, pois cada uma tem a sua realidade social, histórica e linguística. Logo, é notório o fato de o falante adequar o seu repertório linguístico segundo as práticas correntes da comunidade a qual pertence, tornando-se um indivíduo multifacetado diante da sua fala.

Sendo a fala o foco em análise desse trabalho, convém lembrar que, para Tarallo (1985), a língua falada é a língua usada na comunicação face a face sem a preocupação de como enunciá-la e isto constitui a essência para a análise sociolinguística. E para coletar essa língua falada, que é o vernáculo, precisamos interagir com a comunidade nas diversas situações comunicativas, porém sem permitir que essa interação perturbe a naturalidade da conversação, a fim de que se constate a heterogeneidade e variabilidade da língua falada.

Nesse sentido, consideramos oportuna a observação sobre a fala, posta por Marcuschi (2007, p. 25), para quem:

A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano.

Logo, e partindo da visão de que a linguagem é um fenômeno inato e universal, é imprescindível deixar de particularizar os usos da língua, pois o mais importante é determinar como essa capacidade vem se adequando enquanto prática social. A esse respeito, Marcuschi (2007, p.16), faz essa assertiva:

[...] Assim, não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso.

Desse modo, percebemos que mais importante que analisar palavras e expressões isoladas é compreender a importância social destes dados na organização dos meios comunicativos daquele grupo social.

2.2 Uma Abordagem Semântico-Pragmático

Durante muito tempo, o estudo da língua portuguesa ficou restrito à gramática. Posteriormente, estudiosos da área da linguística perceberam que a linguagem era bem mais abrangente e comportava uma imensa variabilidade, levando-os a irem além da sintaxe e da morfologia. A partir daí nasce o interesse pela semântica linguística, cujo objeto é essencialmente o estudo do sentido das palavras. A linguagem não possui uma semântica imanente, pois é produzida sociocognitivamente, isto é, os sentidos vão se construindo situadamente.

Nesta linha de raciocínio não se pode deixar de inserir a semântica, definida por Cançado (2005) como: “[...] o ramo da linguística voltado para a investigação do significado das sentenças.” Entretanto, a autora salienta que essa investigação especificamente linguística interage com outros processos cognitivos, que vão além do significado. Esses são os fatores extralinguísticos que são explicados sob o domínio de uma teoria da pragmática. E, neste estudo realizado, utilizamos a Teoria dos Atos de Fala para explicar as ações intencionais dos falantes, isto é, para auxiliar na interpretação do que está simplesmente posto na sentença.

Dessa forma, a descrição semântica das variáveis linguísticas deverá abrigar conhecimentos linguísticos e extralinguísticos para que percebamos a infinidade de significações de uma mesma variável em diferentes contextos e utilizados por falantes diversos.

Neste aspecto, podemos recorrer ao fenômeno da semântica sob a perspectiva pragmática, para explicar os usos que fazemos da linguagem em situações concretas relacionadas às intenções do falante, por meio da teoria dos atos de fala e dos implícitos, chamados implicaturas conversacionais.

De acordo com esta teoria elaborada por Austin (1990), na década de 60, o ato comunicativo pode ocorrer em diversos níveis, dentre os quais se sobressaem: o ato locutivo (representado pela sentença no sentido denotativo), o ato ilocutivo (indica a intenção do falante ao proferir a sentença) e o ato perlocutivo (representa o efeito da sentença proferida sobre o ouvinte). Estes níveis são de grande relevância para a análise das interações a que este trabalho se destina.

Conquanto os atos perlocutórios não possam ser julgados quanto ao seu valor de verdade, eles podem ser avaliados pela adequação ao contexto, situação que Austin (1990) denomina de **condições de felicidade**: uma expressão é considerada feliz quando está adequada ao contexto. E para que isto aconteça é necessário que os falantes preencham alguns

requisitos, tais como: falarem a mesma língua, partilharem das mesmas informações sobre o contexto social, etc.

E a partir deste contexto é que o ouvinte assume uma posição ativa na construção do significado, processo chamado de **inferência**. Compreender uma enunciação envolve fazer inferências que ligarão o que é dito ao que é mutuamente suposto ou ao que foi dito antes.

De acordo com Cançado (2005), nesta construção de significado, é oportuno citar as **implicaturas conversacionais** de Grice (1975, 1978), segundo o qual existe um princípio de cooperação entre os falantes que permite que ambos tenham uma participação efetiva no ato comunicativo.

Este princípio se subdivide em normas ou máximas, que são:

- Máxima de Qualidade: não diga o que você acredita ser falso;
- Máxima de Quantidade: faça sua contribuição tão informativa quanto necessário para o objetivo da comunicação;
- Máxima de Relevância: faça com que suas contribuições sejam relevantes;
- Máxima de Modo: seja claro e evite ambiguidades.

Essas máximas especificam o que os participantes têm que fazer para conversar de maneira maximamente eficiente, racional e cooperativa.

Esperamos através dos atos de fala já citados descrever e explicar os efeitos de sentido que vão além do que é dito, haja vista que as palavras adquirem significação nova em contextos diferentes.

2.3 Etnografia da Comunicação e Sociolinguística Interacional

A Etnografia da Comunicação como campo de estudo foi inaugurada por Dell Hymes (1972), na década de 60 e busca os padrões de comportamento comunicativo.

Segundo Hymes (1972), a etnografia da comunicação explica a competência comunicativa dos falantes em uma dada comunidade de fala, enfoque que daremos neste trabalho, isto é, daremos primazia à fala, à função, ao contexto e ao adequado sobre o arbitrário ou possível.

A comunidade de fala é o ponto de partida e o ponto central da etnografia da comunicação, visto que comunidade de fala compartilha o **uso** da fala. Para Hymes, uma

comunidade de fala partilha conhecimentos de regras que regem e interpretam a fala. Enquanto Gumperz toma comunidade de fala como qualquer grupo com peculiaridades linguísticas que requeiram um estudo especial e deve ser baseado no comportamento verbal e estrutura social, levando-se em conta os interesses comuns, sem necessariamente precisar toda a comunidade compartilhar a mesma língua. Assim sendo, comunidade de fala considerada por Gumperz (1972, p.207) é:

“Qualquer agregado humano caracterizado por interação regular e frequente, por meio de um corpo de signos verbais compartilhados que contrasta com agregados similares pelas diferenças significantes no uso da língua”.

A sociolinguística interacional de Gumperz e Hymes (1972) estuda todo o comportamento social revelado pela linguagem. É um estudo essencialmente interpretativista amparado no que Gumperz chamou de “pistas de contextualização”, que possibilitam ao pesquisador interpretar os sentidos subjacentes ao enunciado.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Bortoni-Ricardo (2005) aponta a sociolinguística interacional como essencialmente interpretativista e que se utiliza de algumas estratégias como a etnografia da comunicação, a semântica cognitiva associada à pragmática dos atos de fala e a análise da conversação, a fim da obtenção de resultados reais acerca da fala entre os interactantes. E a partir dessas estratégias pode-se desenvolver uma teoria da inferência conversacional. Para Bortoni-Ricardo (2005, p.176):

“Falante e ouvinte influenciam-se mutuamente e vão construindo, a cada instante o contexto da comunicação”.

3 ANÁLISE DOS EVENTOS

Veremos agora alguns eventos de fala colhidos na cidade de Angical do Piauí, objeto deste estudo, que serão analisados de acordo com os aspectos sociolinguísticos, além da Teoria dos Atos de Fala, de Austin (1990) e do ponto de vista da semântica e da pragmática. Não fazem parte desta análise as variações fonéticas e sintáticas que aparecem neste *corpus*, pois o objetivo desta pesquisa, como já foi dito acima, é sociolinguístico, baseado nos vocábulos e expressões típicas, conforme usadas na comunidade, focalizando os aspectos semântico-pragmáticos.

Vale esclarecer que essa pesquisa está em fase inicial, porém já percebemos múltiplos marcadores conversacionais compostos de elementos linguísticos e paralinguísticos, capazes de desempenhar variadas situações interacionais na fala, produzidas tanto pelo falante como pelo ouvinte.

Observamos também que no decorrer da pesquisa, todos os colaboradores mantinham muita naturalidade nas conversações, certamente porque esta pesquisadora tem um vínculo pessoal com a comunidade estudada, eliminando assim o estranhamento que por ventura a presença de outro pesquisador pudesse suscitar.

Aqui será chamado E1, o evento de aniversário e os sujeitos designados respectivamente de MA, MB e MC. E2, o evento da missa e os sujeitos M1 e M2. E3, o evento da feira e os sujeitos Ma e M3. E4, o evento da conversa informal1 e os sujeitos P e M4. E5, o evento da conversa informal 2 e os sujeitos M5 e M6.

EVENTO 01

Evento: Aniversário

Ambiente: Casa de uma moradora A da comunidade.

Participantes: Família e amigos da moradora A e da moradora B.

Esse evento era uma surpresa preparada pela moradora A para homenagear uma moradora B pelo aniversário desta última.

MA: Por que você chegou só agora?

MB: Porque eu tava rezando o terço da finada **frusteca**.

MA: E a finada morreu de quê?

MB: Morreu rãmpram. E faz tempo que ela já tava **tocando na caixa**. Ei, que hora vamu cantá os parabém?

MA: Só mais tarde.

Moradora B: Ah, muié..., pois eu quero cumê! Porque com essa **grisin'a** toda, vamu esperá o quê?

Temos aqui um tipo de interação que exige uma análise semântica e pragmática para que este diálogo se torne compreensível para quem não faz parte daquela comunidade. O termo **frusteca** é um termo não dicionarizado e que geralmente é utilizado pelos falantes locais para se referirem a alguém idoso e sem notoriedade na cidade. Trata-se de um conhecimento compartilhado pragmaticamente e que demonstra que a Semântica não pode sempre, por si só, identificar todos os significados de uma palavra, conforme Cançado (2005).

Sem um compartilhar de experiências vividas previamente, MA teria solicitado a MB que declinasse o nome da pessoa referida, pois teriam sido quebradas aqui as máximas de Quantidade e Modo. Não o fez porque a condição de felicidade, proposta por Austin (1990), fora atingida e o ato perlocucionário foi completo entre elas.

Em seguida, encontramos outro termo inusitado: **rãmpram**. Pelo contexto, pode-se inferir que o termo signifique repentinamente e embora seja usado em outra cidade piauiense, porém seu uso é recorrente na comunidade estudada. Trata-se de uma espécie de onomatopéia que aponta mais uma vez para um conhecimento de mundo compartilhado que permite uma interação completa entre ambas as envolvidas neste evento comunicativo.

Outra expressão peculiar dessa cidade aparece na fala de MB- **tocando na caixa**- cujo significado após uma pesquisa, descobrimos ser “estar louca”. Logo em seguida, MB utiliza outro vocábulo-**grisin'a** para se referir à concentração de pessoas e à quantidade de comidas, por conta do aniversário desta. Entendemos que para esses falantes, este termo signifique “alvorço”.

Convém observar que em um evento tão breve como esse, aqui transcrito, pudemos identificar três expressões pertinentes a esta comunidade, o que nos permite imaginar quantas outras não serão resgatadas ao longo dessa pesquisa.

Outro dado interessante para esta pesquisa é que, embora a comunicação pareça truncada para um falante de português de outra região, em momento algum se pede qualquer tipo de esclarecimento a qualquer uma das envolvidas no diálogo, pois ambas dominam aquele código e o ato ilocucionário é plenamente compreendido por elas.

EVENTO 02

Evento: missa

Ambiente: igreja

Participantes: duas moradoras da cidade no final da missa, na porta da igreja.

M1: Eita, mas hoje o padre tava era **rodado!**

M2: Nãam... Pensei que as vein'a ia dá um **curtipiu.**

M1: Hoje foi demais! Fiquei **atuzingada** do juízo!

Observamos logo no início da conversa entre as duas mulheres o emprego do particípio do verbo *rodar* que poderia ser confundido com uma gíria, mas que nesta localidade tem um significado bastante peculiar: quer dizer inspirado, eloquente, palrador. O longo sermão do Padre deixou aquelas duas mulheres não somente cansadas, mas também irritadas com tanto palavreado.

Assim sendo, pode-se inferir que a palavra **curtipiu** significa **desmaio**, e este era o temor de M2: ela temia que o sermão tão prolongado pudesse levar as idosas ao desfalecimento.

Continuando o comentário das duas mulheres sobre o sermão do religioso, M1 emprega outra palavra para este estudo: **atuzingada**. Não é difícil inferir que o termo significa enfadada, cansada. Portanto, por inferência, entendemos que ela quis dizer o quanto o sermão a deixou mentalmente enfadada com tantas palavras e com tanta demora em terminar.

Como no evento anterior, não houve nenhum ruído nesta interação verbal e os atos foram plenamente realizados, tanto os locucionários como os ilocucionários. As duas mulheres partilham de um léxico comum que não deixa margens para dúvidas.

EVENTO 03

Evento: feira

Ambiente: mercado

Participantes: marceneiro (Ma) e moradora (M3)

M3: Ê moço! Quando é que o sinhô vai consertá meu guarda-ropa?

Ma: só posso ir depois de amanhã.

M3; Mas vá mermo, seu cara pelada, purque ele tá todo **romblenaite**.

Este evento traz uma expressão inusitada e que, provavelmente seja fruto de uma analogia com a língua inglesa: **romblenaite**. É um termo que foge à própria estrutura morfológica da língua portuguesa. Pelo contexto acima exposto e sabendo-se que o guarda-roupa estava precisando de reparos e que M3 estava se dirigindo a um marceneiro, podemos inferir que a palavra signifique algo como *quebrado, danificado*.

Convém observar mais uma vez que não houve pedido algum de esclarecimento, o que nos leva a crer que os dois participantes deste evento estavam utilizando um código comum. O ato ilocucionário de M3 foi plenamente interpretado por Ma.

EVENTO 04

Evento: conversa informal 1

Ambiente: porta de rua

Participantes: pesquisadora, moradora e vizinhos

Nesse evento, a pesquisadora P conversava com determinada moradora M4 e inicia o diálogo com uma pergunta sobre o filho da moradora que não compareceu ao encontro de entrevistados.

P: Mas esse teu filho é muito tratante, para não dizer irresponsável.

M4: Mi'a fia, esse minino é qui nem o **azeite da Cazé**. Mas não posso matar.

Neste diálogo breve aparece uma expressão exclusiva da cidade de Angical: o **azeite da Cazé**. Esta sentença só pode ser entendida quando se sabe sua origem: havia naquela comunidade uma mulher que tinha a alcunha de Cazé. Esta mulher tinha como ofício preparar azeite de coco, arte na qual ela era bem sucedida.

Certo dia, porém, o azeite que ela preparou ficou imprestável para o consumo humano e assim surgiu naquela cidade a expressão **azeite da Cazé**, significando algo ou alguém imprestável, inútil. Esta construção já foi incorporada ao repertório linguístico daquela comunidade e seu uso não traz problemas para os moradores da cidade. Percebemos nesse contexto um intenso sentimento de identificação local, visto que preservam o apelido da própria pessoa, presente na expressão.

EVENTO 05

Evento: conversa informal 2

Ambiente: praça

Participantes: dois moradores, M1 e M2

M1: Tu vai pra festa hoje?

M2: **Não me viu!**

M2: Pois eu vô e **vô bom!** E vô **trastejar** bem!

M1: muié, e purquê tu não vai?

M2 : porque hoje **não tô muito Roberto Carlos...**

Neste novo evento, encontramos uma resposta que, se fosse analisada apenas pelo ato locucionário, quebraria todas as máximas de conversação propostas por Grice, mas que no contexto de fala aqui estudado tem sentido que não poderia existir fora daquela comunidade.

O ato ilocucionário aqui analisado só pode ser compreendido à luz da realidade desta comunidade, uma explicação extralinguística: havia naquela cidade um bar chamado Não me Viu. Este bar não existe mais, porém seu nome passou a significar “nunca”, “jamais”, “não existe”. Serve para indicar algo cuja realização é impossível. O conhecimento compartilhado deste fato tornou plena possível para ambas uma afirmação aparentemente sem nexos para um observador de outra região do estado ou do país.

Logo em seguida, M1 utiliza duas novas expressões que passaremos a analisar agora: primeiramente a expressão **vô e vô bom**. Naquela cidade é recorrente repetir-se o verbo juntamente com o adjetivo bom como forma de se dar ênfase a uma ação realizada ou ainda por se realizar. Esta construção tem a função semântica de afastar qualquer possibilidade de dúvida sobre a ação expressa pelo verbo.

Em segundo lugar, vemos o emprego do verbo **trastejar**, que se encontra dicionarizado com o sentido de hesitar, dentre outros. Mas nesta comunidade estudada tem um campo semântico quase ilimitado, podendo significar uma infinidade de significados: estudar, namorar, trabalhar, jogar, escrever, plantar, colher etc. Somente o contexto linguístico pode determinar o sentido pretendido no ato locucionário, pois o leque de possibilidades semânticas é por demais amplo.

Pelo contexto aqui analisado, visto que se fala de festa, pode significar *dançar e/ou namorar*, duas ações associadas à festa. Seja como for, o termo aqui empregado não dificultou o sentido ilocucionário para os falantes, pois se trata de um conhecimento compartilhado, parte de um repertório linguístico comum e situado geograficamente.

Observamos na resposta de M2 o uso da expressão **não tô muito Roberto Carlos**, onde o nome do cantor é empregado semanticamente com o valor de não estar se sentindo

bem, seja física ou emocionalmente. Para a comunidade estudada, trata-se de uma associação semântica entre o nome do cantor e o que ele representa no imaginário popular brasileiro: sendo ele, considerado o rei da música popular brasileira, teoricamente não apresenta problemas e que está sempre bem e alegre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar os usos linguísticos de uma comunidade específica de língua portuguesa é uma oportunidade para se verificar, cientificamente, como os falantes organizam os meios linguísticos, conferindo-lhes significados constroem os sentidos a partir de suas experiências de vida compartilhadas.

Estes falares, que poderiam ser qualificados de ‘português ruim’ do ponto de vista da gramática normativa, seguem um parâmetro social e historicamente construído por aqueles falantes em suas interações sociais. Conforme propugnado por Costa (2000) estas pessoas sabem como e quando usar as variações aqui identificadas. Elas não são utilizadas aleatoriamente, mas seguem uma lógica ditada pelo convívio social e obedecem a regras que são de domínio destes falantes específicos.

Cada evento de fala aqui analisado revela a importância das informações e relevância da Pragmática e da Teoria dos Atos de Fala de Austin para compreender e explicar as variações linguísticas, do ponto de vista semântico.

Esperamos, ao final deste estudo que ainda está em andamento, poder contribuir com informações pragmáticas e mais científica do fenômeno da variação linguística e poder oferecer mais um dispositivo contra o preconceito que ainda estigmatiza formas autênticas de usos da língua portuguesa, ainda que não dentro dos parâmetros determinados pela norma culta.

Desejamos reforçar, principalmente, que o fenômeno da variação linguística pode e deve receber uma abordagem semântica e não apenas fonético-morfológica. Sem menosprezar os estudos variacionistas tradicionais, objetivamos reforçar o estudo do uso mais que o estudo da forma.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. **Sociolinguística**. In: Anna Christina Bentes; Fernanda Mussalin(org.). Introdução à linguística. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, v.1, p.21-47.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer** / John Langshaw Austin; Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho / Porto Alegre: Artes Médicas: 1990.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

BRIGHT, W. **As dimensões da sociolinguística**. In: FONSECA, Maria Stella, NEVES, MOEMA F. (Orgs). Sociolinguística. Rio de Janeiro: ed. Eldorado Tijuca, 1968.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2005.

COSTA, Catarina de Sena S. M. da (Org.). **Linguística e ensino da língua portuguesa: sensibilidade cultural e integração didática pedagógica**. / Catarina de Sena S. M. da Costa, Iveuta de Abreu Lopes, Maria da Conceição Machado, Zélia Maria José Fernandes dos Reis. Teresina: EDUFPI, 2000. 230p.

GUMPERZ, J. J. and Hymes, D. (orgs.) **Directions in Sociolinguistics**. Holt, Rinehart, and Winstom. INC, USA, 1972.

GUMPERZ, J. J. “**The Speech Community**”. P. P. Giglioli Ed. Language and Social Context: Selected Readings. Penguin Books, Great Britain, 1972. p219-231.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos** / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**; tradução Luís Carlos Borges, Aníbal Mari; revisão técnica Rodolfo Ilari. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. Tradução J. Morais-Barbosa. Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1964 (ELG).

MOLLICA, M. C. (org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1992. (Cadernos Didáticos UFRJ).

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

RIBEIRO, Manoel Barbosa. **Nossas Raízes**. Teresina Piauí: Tergraph, 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.